

**Entrevista** >> POR TIAGO ZANOLI**Sergio Vilas Boas** >> JORNALISTA E PROFESSOR**“O jornalista literário quer quebrar padrões”**

Escritor reflete sobre a arte de narrar a vida real

■ ■ Olhando rapidamente, do ponto de vista formal, os textos podem lembrar uma boa obra de ficção. É notável um minucioso cuidado estético, que possibilita a construção de uma narrativa envolvente e bem acabada.

Uma leitura atenciosa, porém, revela que as 16 histórias reunidas no recém-lançado “Jornalistas Literários - Narrativas da Vida Real por Novos Autores Brasileiros” não têm nada de ficcionais. Os personagens são de carne e osso, descobertos graças a um intenso trabalho de campo feito por repórteres.

O único elo entre esses novos autores é o fato de terem cursado as primeiras turmas de pós-graduação em Jornalismo Literário, da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Um dos fundadores da instituição é o jornalista e escritor Sergio Vilas Boas, que organizou a antologia em questão.

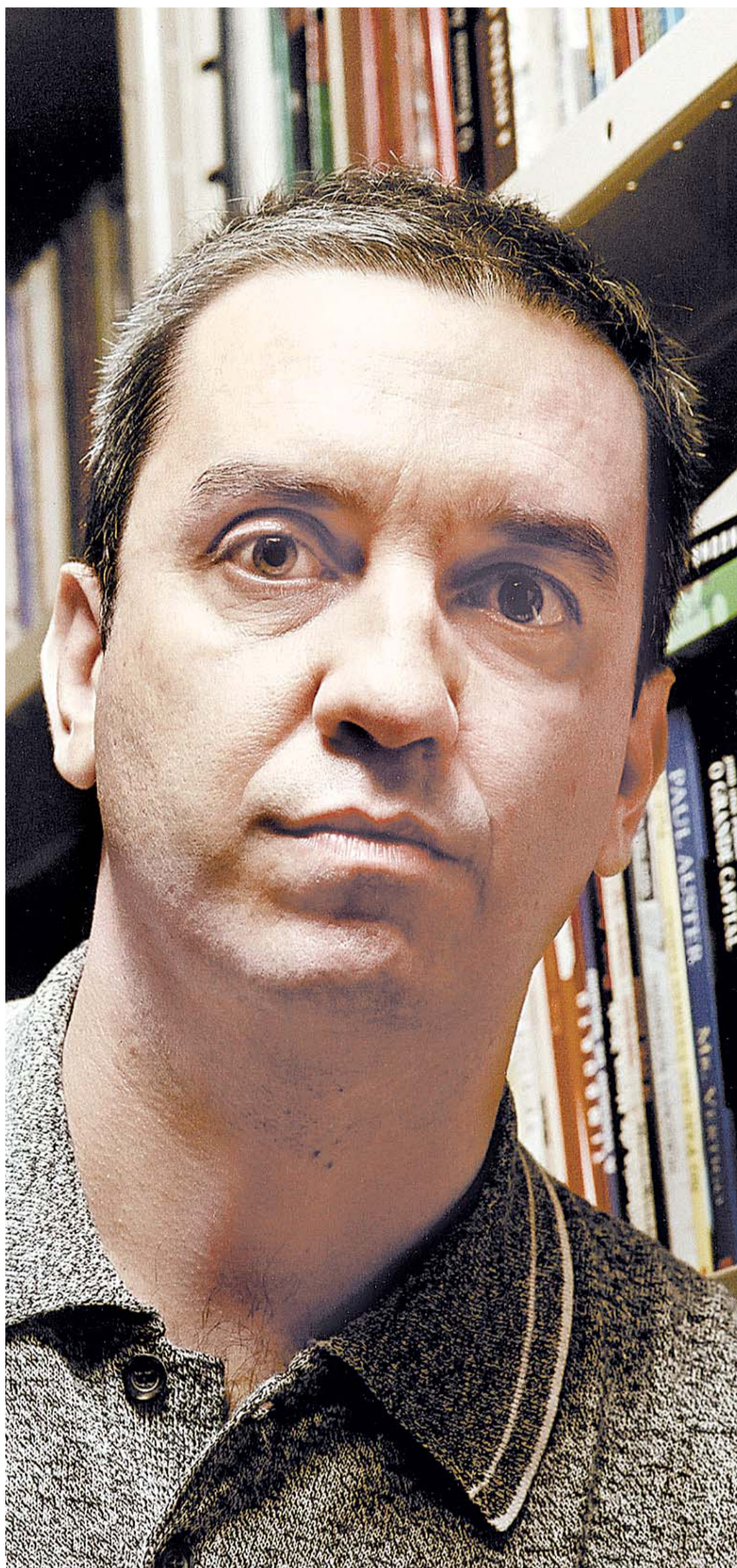
Despreparo

“Vejo belas pautas, típicas do jornalismo narrativo, serem descobertas e não realizadas, porque não há quem saiba fazê-las. Ou o cara faz um apanhado convencional, ou ele tenta fazer jornalismo literário e sai aquela coisa piegas, abusando da primeira pessoa”

Em entrevista por telefone ao *Caderno 2*, Vilas Boas falou sobre o jornalismo literário, além da importância e do papel da narrativa para a profissão do repórter. Ele aproveitou ainda para criticar certos modelos e ideologias predominantes no jornalismo diário.

■ ■ No livro, a participação feminina é grande: 11 mulheres para cinco homens. E os melhores textos, inclusive, são delas. A que você atribui isso? É uma questão de proporção natural mesmo. Bem mais da metade dos nossos alunos são mulheres. Era natural que isso se refletisse também nas escolhas. Foi coincidência.

■ ■ Mas, no caso do jornalismo literário, não haveria alguma relação com a percepção e a sensibilidade delas ao apurar e escrever boas histórias? Já pensamos sobre isso. Não vou dizer que os textos delas são mais criativos e sensíveis, mas as mulheres estão mais dispostas a aprender coisas novas, técnicas de aprendizagem não-convencionais, e a romper com as barreiras do jornalismo tradicional. Há mais empenho em querer mudar. Os homens são mais resistentes e conservadores em vários aspectos. Isso é social. Os homens têm mais apego a esse jornalismo fundamentalista e cheio de moralismos, que dita o que pode e não pode ser feito. Até chegar a um ponto em que não conseguem fazer nada além do arroz com feijão.

**Perfil**

■ **INÍCIO:** Sergio Vilas Boas nasceu em Lavras, Minas Gerais, em 18 de novembro de 1965. Viveu 30 anos em Belo Horizonte e dois em Nova York, nos Estados Unidos. Mora em São Paulo desde 1998.

■ **FORMAÇÃO:** Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes (ECA) da

USP, desenvolveu pesquisas sobre narrativas biográficas. Trabalhou durante dez anos em jornais diários.

■ **PROFISSÃO:** É jornalista, escritor e professor do curso de pós-graduação lato sensu em Jornalismo Literário, da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), da qual é um dos fundadores.

Também é editor executivo do site www.textovivo.com.br.

■ **OBRAS:** É autor dos livros “Os Estrangeiros do Trem N” (1997), pelo qual recebeu o Prêmio Jabuti de Reportagem; “Biografias & Biógrafos” (2002), fruto de sua dissertação de mestrado; “Perfis: e como Escrevê-los” (2003), entre outros.

■ ■ Quais foram os critérios de seleção para o livro? A diferença entre o jornalismo narrativo e o diário é que, neste, você pode cortar qualquer coisa. Se de dez mil você enxurria para mil, a informação essencial continua ali. A narrativa, porém, é um ciclo que se fecha. Tive de escolher textos em tamanhos cabíveis, embora em alguns casos eu tenha pactuado uns cortes com os autores. Mas deixei que eles

mesmos fizessem os cortes. Também levei em conta que os textos fossem realmente um trabalho de campo, com ênfase em olho no olho. Houve uma única exceção, porque o texto em jornalismo literário também pode ser ensaístico. A exceção foi “Dinossauros Imortais”, do Zé Augusto de Aguiar, sobre o rock. É um produto mais do domínio que o autor tem desse assunto. É muito reflexivo e propositivo.

■ ■ Para o jornalismo, o que a narrativa representa? É um suplemento necessário para se diferenciar o jornalismo, o modo de fazê-lo, não importa a mídia. O autor de uma narrativa está em busca de uma razão de ser, um sentido que pode ser o próprio tema ou ele mesmo. O autobiográfico se mistura, porque não há outro jeito. O jornalismo diário tende a fingir que isso não existe. No jornalismo narrati-

vo, espera-se que o sujeito se mostre. O texto é individual, autoral. A gente não discute a subjetividade, ela é parte da vida. Ora, se quero me aproximar ao máximo do real, a subjetividade tem que ser trazida para o texto.

■ ■ Que aptidões são essenciais ao jornalista literário?

Escrever bem é algo que se pode aprender. Nessa turma, ninguém tem cabeça de literato. São jornalistas que fizeram a faculdade à moda antiga, trabalharam em redação fazendo reportagens rápidas, com lide clássico. De qualquer forma, há alguns traços marcantes, no que se refere à atitude, se repetem de autor para autor. São pessoas que curtem a pesquisa e têm muita curiosidade de ir fundo no assunto. Gostam de lidar com gente, gente de todo tipo. No curso, a gente tenta ampliar esse panorama, a fim de que a pessoa tenha um olhar diferente sobre tudo. Sem a pressa e o autoritarismo do jornalismo convencional, que quer chegar à verdade. O jornalista literário quer quebrar padrões. Ele também não é dependente de tecnologia. Tem de ser capaz de apurar sem gravador, sem bloco, sem nada... O que importa é a imersão no cenário.

■ ■ Há limite para o jornalismo literário? Você falou sobre não usar gravador e bloco, mas a memória não é tão confiável.

É verdade. Por isso, no curso, há um exercício de acionamento da memória, para lidar com a retenção dos dados. O repórter com a cabeça informativa é excessivamente apegado a contraprova, e isso o deixa cego em campo. A exatidão é importante, mas ele fica tão tenso que não vê mais nada ao redor, fica preso ao que é dito, não presta atenção no silêncio, nos sujeitos. Tudo o que se refere a dados meramente factuais é resgatável, mas o que aconteceu somente naquele momento se perde, não volta. Brinco com os meus alunos ao dizer que a gente precisa ter dois caderninhos: um em que você toma nota dos cenários, das falas; e outro no qual você “anota” o que está ocorrendo naquele instante, entre você e a outra pessoa. São as auto-reflexões. Elas têm que entrar na matéria. O bom jornalista literário pede ao sujeito que reflita, porque todo mundo sabe filosofar. Isso não é uma qualidade acadêmica. Veja o filme “Edifício Master”, do Eduardo Coutinho, no qual pessoas simples refletem sobre a vida. Não estamos colhendo dados, mas reflexões. Estamos em busca de sentidos.

■ ■ É possível fazer jornalismo literário no dia-a-dia? Como?

Historicamente, o jornalismo literário é testável e funciona nas matérias especiais. Mas há muitas experiências bem-sucedidas com narrativas pequenas. O jornal Zero Hora (do Rio Grande do Sul) faz isso. É claro que você não vai utilizar todo o seu arsenal de criação literária, vai dar apenas pequenos toques. Essas pequenas coisas são realmente um grande diferencial e, em geral, os leitores sentem isso e dão retorno.

■ ■ Há quem diga que leitor de jornal não gosta de textos longos, que as matérias devem ser curtas, e os elementos gráficos, mais explorados. Quem diz isso é a pessoa que não gosta de ler. Na verdade, o lide resolve somente a vida do jornalista, não de quem lê. O jornalista está sobrecarregado nas redações, quer entregar a matéria logo, ir embora, cuidar

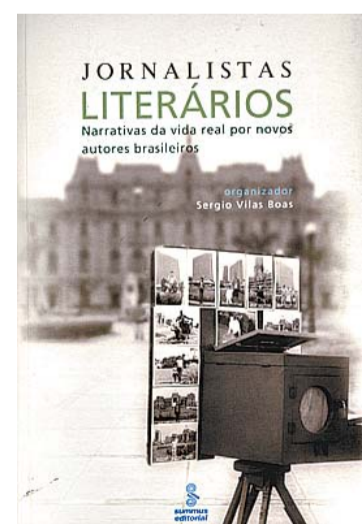
da vida. Precisamos acabar com essa hipocrisia. O leitor não sabe nem o que é um lide. Nunca foi consultado sobre isso. Ora, quem não gosta de ler, vai ver televisão ou ouvir rádio. É hipócrita demais dizer que o leitor deseja isso. Na prática, a pessoa que gosta de ler está lendo. O problema é que só não está lendo o jornal.

Variedade

“Até o modelo do lide ser adotado, era uma picaretagem grande. O nosso jornalismo cresceu, mas os jornais e as revistas ainda fazem tudo muito parecido. Precisamos de mais oxigenação, de vários modos de se fazer, pois é a variedade que atrai mais leitores”

■ ■ Fala-se muito que o jornalismo impresso tende a se tornar um espaço mais voltado para a reflexão. Mas a ansia por noticiar o factual e o medo de levar furo do jornal concorrem predominantemente nas redações. Como você avalia isso e que futuro enxerga para a imprensa?

É aquilo que eu disse antes sobre a cabeça informativa. Se depender desse tipo de coisa para existir, o jornalismo impresso está f... Ora, se é para informar, existem mídias que fazem isso muito melhor, com mais agilidade. A televisão, por exemplo, pode transmitir um fato ao vivo. Acredito que essa cabeça meramente informativa tende a acabar no jornalismo impresso. Quanto a ser reflexivo, como os jornais impressos nunca foram, eles não sabem ainda como fazer. Mas estão preocupados com isso de ter mais análise. O problema é que os jornais confundem análise com coluna. O colunismo é uma praga terrível, que decorre do culto à celebridade, e o povo se adaptou a esse tipo de coisa. Enfim, o jornalismo impresso não tem salvação. A escrita não vai acabar, o que vai mudar é o suporte.

Leia sem parar

SERGIO VILAS BOAS (ORG.)
“Jornalistas Literários”

SUMMUS EDITORIAL 320 PÁGINAS
QUANTO: R\$ 53,90, EM MÉDIA

■ ■ **LEIA TRECHO EM**
www.agazeta.com.br

